

COGNIÇÃO E LINGUAGEM: ATIVIDADES NEURONAIS ENVOLVIDAS NA AQUISIÇÃO DO FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria Rennally Soares da Silva – UFCG¹, Josilene Pinheiro Mariz – POS-LE/UFCG²

1. Discente da Licenciatura em Letras Língua Francesa, da Unidade Acadêmica de Letras, Universidade Federal de Campina Grande (UAL-UFCG). E-mail: rennally.fr@hotmail.com.

2. Docente do Curso de Letras Português/Francês (UAL-UFCG), Campina Grande, PB. Pós-Doutorado em Literatura Francófona. E-mail: jsmariz22@hotmail.com.

RESUMO

Diversos estudos no âmbito da linguagem que é expressa pela criança, durante a fase de aquisição de um idioma, são realizados por linguistas, neurocientistas e demais interessados nesse tema. Várias teorias tentam explicar como ocorre a aquisição da linguagem através de distintas vertentes; desde as vertentes biológicas, inatistas, interacionais até as cognitivas. Normalmente, tem-se a crença de que as crianças possuem determinada facilidade para adquirir um idioma estrangeiro. Mas, o que dizem os especialistas a esse respeito? Nesta pesquisa, pretendemos discutir a respeito do processo de aquisição da linguagem e dos esquemas cognitivos que o viabilizam, com o objetivo de compreender quais os mecanismos ativados pelo cérebro humano durante o aprendizado de uma língua. Para tanto, examinamos os fundamentos teóricos baseados na aprendizagem e na aquisição de línguas estrangeiras (LE) para crianças, tendo como foco o aprendizado do Francês como Língua Estrangeira em uma realidade exolíngua brasileira, analisando quais os aspectos neurodidáticos inerentes a esses processos. Esse estudo tem características de uma investigação documental, através de pesquisas bibliográficas, de cunho qualitativo. Com alguns dos resultados obtidos, pode-se enfatizar a constatação de que há um período sensível da maturação cognitiva que favorece a aquisição de uma LE.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição; aquisição da linguagem; francês para crianças.

COGNITION AND LANGUAGE: NEURONAL ACTIVITIES INVOLVED IN THE ACQUISITION OF A FOREIGN LANGUAGE IN CHILDHOOD

ABSTRACT

Several studies on children's speech, during the acquisition of a language, have been held by linguists, neuroscientists and others interested in the issue. Several theories attempt to explain how language acquisition occurs through biological, inatist, interactional, and cognitive aspects. In general, there is the belief that children have certain ease to acquire a foreign language, but what do the experts say about this? In this article, we discuss issues surrounding the process of language acquisition and cognitive schemata that enable it, aiming thereby to understand and discuss the mechanisms activated by the human brain during the learning of a language. To do so, we examine the theoretical foundations based on the learning and acquisition of foreign languages by children, focusing on the learning of French as a Foreign Language in a Brazilian exolingual reality and analyze which neurodidactic aspects inherent in these processes. This study has features of a bibliographic research of qualitative nature. With some of the results obtained, one can emphasize the fact that there is a sensitive period of cognitive maturation that favors the acquisition of a foreign language.

KEYWORDS: Cognition; acquisition of language; French for children.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de desenvolvimento infantil, período em que estão envolvidas as competências motrizes, cognitivas e emocionais, a formação do caráter de um indivíduo está em construção; portanto, ele vai, pouco a pouco, adquirindo uma bagagem de experiências e de compreensões do universo a partir dos fatos da linguagem. Através de um diálogo entre os processos internos da criança e as práticas sociais de natureza comunicativa podemos verificar a concretização do papel comunicativo da linguagem.

É durante a fase da primeira infância – desde a etapa intrauterina até os seis anos de idade – que ocorre um exacerbado número de conexões neuronais, de modo que uma criança nesse período possui mais neurônios que uma pessoa adulta (1). Desse modo, é preciso considerar a importância da interferência adulta na vida da criança na fase da primeira infância, de tal forma que essa intervenção instigue a criança a desenvolver as diversas habilidades que ela é capaz de realizar.

Portanto, considerando que a fase da primeira infância é o período ápice das conexões da rede cerebral, temos ainda mais impulso para afirmar que o tempo favorável para se investir em recursos que estimulem o desenvolvimento do indivíduo e suas possíveis habilidades é de fato, o período da primeira infância, pois é justamente a fase propícia para o aprimoramento das habilidades que o ser humano pode desenvolver, dentre elas, a capacidade de aprender uma língua estrangeira (LE), especialmente porque é nesse momento que ocorrem as primeiras descobertas da linguagem (1).

A partir do momento em que a criança começa a desenvolver as suas capacidades comunicativas, ela demonstra aptidão cognitiva para aprender, também, uma LE. Diante disso, surgiu a necessidade de investigarmos um pouco mais a fundo a maneira como se dá o processo cognitivo da aquisição e aprendizado de uma língua estrangeira voltada para crianças - nesse caso, o Francês Língua Estrangeira (doravante FLE), em ambiente exolíngue.

Desse modo, nessa pesquisa, temos como principal objetivo identificar quais as principais atividades neuronais envolvidas no processo da aquisição do FLE, bem como os fatores que motivam a aprendizagem dessa língua estrangeira, demonstrando como esse processo pode estimular a afetividade, envolvendo determinados aspectos psicolinguísticos, tais como o imaginário e o lúdico na criança. Trataremos de questões que comprovam que a criança na primeira infância tem mais facilidade para aprender

línguas estrangeiras e, também, sobre a maneira como acontece essa aquisição nessa fase da vida.

Essa pesquisa caracteriza-se como uma investigação documental, através de pesquisas bibliográficas, buscando responder às indagações supracitadas. Em um primeiro momento, iremos expor algumas teorias a respeito da aquisição da linguagem, apontadas por estudiosos que relacionam esse tema com o desenvolvimento das competências cognitivas do ser humano desde a fase da primeira infância, tais como Piaget e Vygotsky. Em seguida, serão abordadas questões a respeito das estreitas relações entre o cérebro e os processos da aprendizagem, tendo como ponto de partida, as funções intelectuais por ele desempenhadas.

Trataremos ainda a respeito da importância do ensino do Francês como Língua Estrangeira (FLE) para crianças, da relevância de se estimular o aprendizado dessa língua estrangeira durante a fase da primeira infância, bem como dos benefícios que esse ensino/aprendizado pode proporcionar à criança.

Como exemplos de alguns dos resultados obtidos, pode-se enfatizar a constatação de que os fatores afetivos e emocionais estão envolvidos nesse processo de aprendizado e desenvolvimento cognitivo, e agem como elementos instigadores do processo de aquisição do FLE.

1. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para que se estabeleça a compreensão a respeito da maneira com a qual é desenvolvida a competência comunicativa do ser humano, é preciso observar quais os mecanismos que permitem que o homem interaja com outras pessoas, levando em consideração os esquemas mentais pelos quais ele adquire e utiliza o conhecimento para solucionar problemas do seu cotidiano e a origem e o funcionamento de todo o sistema comunicativo; ou seja, é preciso compreender acerca como ocorre o complexo processo aquisitivo da linguagem – ou, pelo menos, parte dele.

A partir da observação da progressão cognitiva que viabiliza os processos mentais, os quais tornam possíveis as interações comunicativas entre os seres humanos, podemos tomar conhecimento dos mecanismos que nos permitem entender o desenvolvimento cognitivo e suas capacidades de possibilitar a realização de diversas atividades

intelectuais no cérebro do ser humano, em especial, o pensamento, que é uma capacidade desenvolvida através da linguagem.

O crescimento da cognição é um termo usado por psicólogos para se referir à atividade do saber e aos processos mentais pelos quais o ser humano adquire e usa o conhecimento para solucionar problemas. O processo cognitivo que nos ajuda a 'entender' e nos adaptar ao ambiente inclui atividades tais como a atenção, a percepção, a aprendizagem, o pensamento e a memória – em resumo, os eventos inobserváveis que caracterizam a mente humana. (2)

O processo do desenvolvimento cognitivo e as mudanças e progressões que ocorrem na mente da criança e que favorecem a aquisição da linguagem em função das necessidades comunicativas do mundo social são alguns dos temas mais discutidos nas diversas ciências do desenvolvimento humano.

Um dos principais expoentes para o estudo do crescimento cognitivo foi Jean Piaget, um psicólogo suíço, que, com o objetivo de realizar uma verdadeira exploração da mente humana em fase de desenvolvimento, a partir de estudos experimentais, passou a traçar conceitos e teorias com relação às etapas do crescimento intelectual do ser humano a partir da fase da primeira infância.

A inteligência é um mecanismo vital que faz com que o ser humano se adapte ao ambiente em que se encontra - segundo o estudo do desenvolvimento realizado por Piaget (3). Assim sendo, a inteligência permite que ocorra certa *equilíbrio* cognitiva entre os processos do pensamento e o ambiente. Ou seja, Piaget (3) defende a ideia de que os esquemas mentais internos do ser humano, somados aos estímulos do ambiente externo, resultam numa atividade cognitiva que permite o crescimento intelectual desse ser.

É através da vivência de diversas experiências que a criança vai acumulando em sua mente percepções relativas ao ambiente externo para que tenha capacidade de interpretar determinados acontecimentos à sua volta. Quanto mais imaturo o sistema cognitivo da criança, mais limitada será a sua interpretação sobre um evento.

Para Piaget (4), a criança adquire conhecimentos por meio da ação sob algum objeto para descobrir suas propriedades, ou seja, através da experimentação e do contato com determinado acontecimento ou objeto, ela construirá o conhecimento de forma independente. De acordo os estudos piagetianos, os esquemas cognitivos que viabilizam

o pensamento, para a realização da interpretação e representação das experiências vividas pelo indivíduo, podem ser organizados em três divisões: os esquemas comportamentais, os simbólicos e os operacionais.

A percepção da criança é ativada a partir de estímulos que possibilitam a construção das primeiras estruturas intelectuais na mente infantil (5) e assim, o padrão comportamental que permite à criança produzir respostas a objetos ou eventos a partir de experiências, emerge na fase sensório-motora (do nascimento até os dois anos de idade, em média).

Logo, são os esquemas simbólicos que levam a mente da criança a realizar representações de experiências e a usar esses símbolos mentais para alcançar objetivos e propósitos a partir dos dois anos de idade. Tal fato se dá durante o período compreendido entre os dois a sete anos de idade, na fase pré-operatória.

A partir dos sete anos, são desencadeados esquemas operacionais que fazem com que a criança realize operações cognitivas um pouco mais complexas, chegando a realizar atividades mentais de modo a conseguir chegar ao pensamento lógico (5).

Algo que marca a evolução da inteligência da criança do período sensório-motor para o pré-operatório, é a urgência da função comunicativa da linguagem, a fala. De acordo com Piaget (3), a inteligência antecede à fala e por isso, não se pode dizer que o centro da lógica é a realização da linguagem, mas sim, que os processos cognitivos de inteligência é que tornam possível a aquisição da linguagem. Tal ponto de vista diverge um pouco das explicações de Lev Vygotsky para o caráter cognitivo da linguagem; diferentemente de Piaget, para Vygotsky, a linguagem é uma ferramenta que estimula os processos cognitivos de aprendizado.

Nesta pesquisa, levaremos em conta as contribuições de Piaget, mas adequaremos sua teoria construtivista à tese sociointeracional de Vygotsky. Ou seja, acreditamos que a aquisição da linguagem é construída através do processo de uma série de estímulos sociointeracionais; e não de maneira individual cognitiva e latente.

Importantes alterações nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança são desencadeadas através da função comunicativa da linguagem, que possibilita interações; a partir dela, provém a capacidade da mente humana de realizar representações e abstrações para atribuir significados à realidade (5). Isso é tão verdadeiro, que alguns estudiosos atribuem, na maioria das vezes, a aceleração do alcance do pensamento às possibilidades interacionais que se pode realizar através da linguagem.

Esquemas intelectuais são construídos e modificados pela criança através de dois esquemas mentais. Um deles, a organização, realiza a combinação de esquemas já existentes na mente da criança, e os adequa a estruturas intelectuais novas e de maior complexidade. O segundo esquema, a adaptação, compreende um processo de ajuste às demandas do ambiente externo por meio da assimilação e da acomodação (6).

O processo de assimilação permite a interpretação de experiências novas através dos esquemas que já estão na mente da criança; enquanto a acomodação realiza uma espécie de alteração ou modificação de esquemas já existentes, para o indivíduo poder adaptar-se a novas experiências. Assim, os processos de assimilação e acomodação promovem o chamado crescimento cognitivo.

Apesar da forte influência gerada pelos estudos de Piaget para o campo do desenvolvimento humano cognitivo, algumas de suas teorias foram questionadas por diversos pesquisadores e consideradas incompletas para dar conta de explicar o complexo funcionamento do sistema cognitivo (7).

Ele chegou a subestimar as capacidades cognitivas das crianças, confundindo a competência cognitiva e suas capacidades para resolver problemas, com o desempenho que elas obtinham em seus testes experimentais que exigiam das crianças a competência crítica – pensamento crítico que as crianças ainda não haviam desenvolvido (6).

Um exemplo da maneira com a qual Piaget subestimou a capacidade da inteligência da criança foi a sua tese da *divisão universal* dos estágios do desenvolvimento cognitivo. Ele afirmou que a evolução de um estágio para outro ocorreria de forma gradativa e que tal mudança acarretaria pontuais transformações intelectuais na mente do sujeito infantil, se daria em idades precisas (4). O que não é uma afirmação precisa, pois alguns estudos mais recentes do desenvolvimento cognitivo humano levaram à constatação de que durante a fase de aprendizado – de aquisição de uma língua, por exemplo, há diversos outros fatores que influenciam no crescimento cognitivo da criança, que não se restringem à construção do conhecimento de modo independente (8), mas que envolvem dentre outros fatores, a motivação, a familiaridade com a tarefa e a influência cultural.

É considerável que as crianças em fase de aquisição de uma língua, estão inseridas em determinado contexto social e cultural e que as interações sociais – a começar pelas interações mantidas entre a criança e seus parentes, influenciam na maneira com a qual a criança passa a pensar e, portanto, a tornar-se um sujeito interacional cada vez mais competente.

É importante levar em conta a influência das interações sociais durante o processo do desenvolvimento cognitivo, de acordo com os direcionamentos da perspectiva sociocultural de Lev Vygotsky, estudioso russo, contemporâneo de Piaget, que prestou importantes contribuições ao estudo do desenvolvimento cognitivo. Ele considerou que o crescimento cognitivo se dá através de um contexto social que influencia diretamente nos processos de aprendizado – inclusive no processo de aquisição da língua materna.

As crianças possuem algumas funções mentais elementares, tais como a atenção, a percepção, a sensação e memória (9). Essas, por sua vez, são culturalmente transformadas em funções mentais maiores, através de determinadas ferramentas de adaptação intelectual, providas pela sociedade, que permitem o funcionamento das funções mentais básicas.

Para esse estudioso, a fala, que é a realização da língua, realiza duas funções primordiais no desenvolvimento cognitivo do ser humano. A primeira delas é a de servir como um meio de condução pelo qual os falantes mais competentes transmitem padrões valorizados por determinada cultura. A segunda delas é a de realizar o papel de ferramenta de adaptação intelectual do pensamento.

Para Piaget (4) o discurso egocêntrico (fala que não está direcionada a ninguém de modo particular) realizado por crianças em fase pré-escolar, seria um exemplo claro de como o desenvolvimento cognitivo antecede e viabiliza o da linguagem, e nunca o contrário.

Já segundo Vygotsky (9), o discurso egocêntrico de que falava Piaget seria a realização da junção do pensamento da criança com a ferramenta intelectual da linguagem e que, portanto, tais “autofalas” não direcionadas, são apenas o reflexo da passagem do raciocínio pré-linguístico para o raciocínio verbal.

Assim sendo, é possível considerar a linguagem como sendo uma via possibilitadora do desenvolvimento das capacidades cognitivas, uma ferramenta de adaptação intelectual pela qual a criança desenvolve suas competências cognitivas. Desse modo, se dá a construção do pensamento infantil por meio da aquisição da linguagem.

2. DAS FUNÇÕES INTELECTUAIS DO CÉREBRO

Sabe-se que são estreitas as relações entre o cérebro humano e os processos e aprendizagem. Uma das características do cérebro é sua assimetridade; enquanto o hemisfério esquerdo encarrega-se de gerenciar as funções comunicativas, lógicas, abstratas e generalizantes da linguagem, o hemisfério direito cuida das questões intuitivas, das sintéticas, das imagens, das noções de espaço e do musical. Por isso pode-se afirmar que os indivíduos possuem maneiras diferentes de aprender, por eles recorrerem preferencialmente a um desses dois hemisférios (10).

Complexos mecanismos de esquemas neuronais estão envolvidos nos processamentos da memória, da análise de informações, da formação do pensamento, da aprendizagem (também da linguagem) e da consciência. O córtex cerebral – área do cérebro composta por uma fina camada de neurônios, compreendida por mais de 100 áreas distintas - desempenha um papel primordial para o desenvolvimento das capacidades supracitadas (11): “O neocórtex [...] é o dispositivo da vontade e da argumentação, trata os dados recebidos, gera as imagens mentais e nossas diversas memórias, traduz as reações cerebrais em linguagem verbal.” (12).¹

O lobo temporal e a circunvolução angular cerebral desenvolvem determinados padrões para a realização de muitas das diversas funções intelectuais desempenhadas pelo córtex cerebral, incluindo funções interpretativas de experiências sensoriais visuais, auditivas ou somáticas.

Na área pré-motora da palavra falada, localizada lateralmente na área frontal intermediária, é quase sempre dominante a presença de certas porções do córtex somestésico do mesmo lado do cérebro em que estão o lobo temporal e a circunvolução angular. Essa área da fala determina o processo da formação de pronúncia de palavras por estímulos simultâneos dos músculos da laringe, respiratórios e da boca.

O lobo temporal é uma área de alta sensibilidade às impressões, que efetua com rapidez e facilidade os processos da memória; e, pode usá-los para comparações com experiências novas, interpretando assim o novo, à luz do antigo. (11).¹

¹ Tradução nossa. Citação fonte : « Le néocortex [...] est le siège de la volonté et de l'argumentation, traite les données reçues gère les images mentales et nos diverses mémoires, traduit les réactions cérébrales en langage verbal ».

Desse modo, é possível dizer que o lobo temporal está envolvido no processo identificado por Piaget como sendo o mecanismo de acomodação, em que a mente modifica esquemas já existentes e incorpora a esses, novas experiências de maneira que possa interpretar novos esquemas através do armazenamento de informações na memória.

Segundo os especialistas, a aprendizagem como sendo a capacidade do sistema nervoso de armazenar informações, se dá de maneira conjunta com a atividade de recordação de pensamentos - a memória; e também de modo simultâneo com a projeção mental de determinada informação – pensamento, num dado momento de alerta – a consciência (11).

Segundo os estudos realizados por Rémir Porquier e John Gumperz (13) quando em uma real situação de comunicação, os participantes (ou pelo menos um deles) realizam o ato comunicativo através de uma língua estrangeira, podemos qualificar tal situação como sendo uma comunicação exolíngua.

Dessa forma, está clara a ocorrência de processos mentais neurológicos durante o aprendizado e, logicamente, durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira, salientando mais uma vez que, a maleabilidade do filtro audiofonético do cérebro durante a fase da primeira infância favoriza o ensino de uma língua estrangeira, ainda que em contexto exolíngua.

Mesmo que uma criança aproprie-se de sua língua materna, ela possui capacidade de fazer o mesmo com uma língua estrangeira, através da simples reativação dos processos da aquisição da linguagem. Tal reativação é possível pelo encargo de suas estratégias de aprendizagem (14).

3. BENEFÍCIOS DO ENSINO DO FRANCÊS PARA CRIANÇAS

Durante a etapa da primeira infância, compreendida desde o período intrauterino até os seis anos, pode ocorrer no cérebro da criança um exacerbado número de conexões neuronais, de maneira que uma criança nessa fase possui mais neurônios que uma pessoa adulta (1). Este é um relevante motivo para que ocorra a intervenção adulta no processo do desenvolvimento infantil.

Esse fato veio ao nosso conhecimento através de estudos das neurociências e oferece-nos contundentes argumentos para afirmar que o tempo favorável para se investir

em recursos qualitativos que estimulem o desenvolvimento do indivíduo e suas possíveis habilidades é, de fato, o período da primeira infância, uma vez que, após esta fase de ápice de conexões da rede cerebral do indivíduo, a capacidade de aprendizagem vai diminuindo progressivamente (1).

As interações estabelecidas entre a criança e o meio ambiente contribuem para o desenvolvimento de seu processo motriz, emocional e cognitivo, principalmente no que concerne ao desenvolvimento de habilidades específicas em meio a um ambiente de aprendizado adequado à sua fase infantil, uma vez que, é sabido que estímulos podem alterar as conexões cerebrais.

Para que desenvolva suas habilidades de linguagem, a criança depende da influência do meio em que vive e das pessoas e fatos que observa, (15). Dessa maneira, é notória a eficácia da intervenção adulta na vida do sujeito infantil. Por isso, é evidente que diante de todas as condições aqui expostas, o melhor momento para que se desenvolva o estímulo do aprendizado de uma língua estrangeira – neste caso, o Francês Língua Estrangeira, é na fase da primeira infância.

O ensino do FLE para crianças, sendo visto como uma metodologia imersiva que proporciona à criança um despertar à aprendizagem de determinado idioma, um “*éveil au langage*”, realizado em ambiente escolar, tem como objetivo favorecer o aprendizado da língua alvo, nesse caso, a língua francesa, através de uma estimulação imediata, uma vez que, na fase da primeira infância, as crianças encontram-se num período favorável para o aprendizado, no referente às suas possibilidades cognitivas, conforme citamos anteriormente.

[...] As atividades do despertar para a linguagem devem entre outras coisas permitir que a criança desperte a sua consciência metalinguística, que ela tome consciência do arbitrário das línguas e das culturas pela descentração e distanciação. As atividades privilegiadas são, para a criança os elementos de rastreamento dos fatos linguageiros e comunicativos de todos os tipos (animais, bebês, gestuais etc.) [...] Enfim, um lugar importante é acordado à dimensão afetiva, à curiosidade, ao prazer e à emoção.” (10).²

² Tradução nossa. Citação fonte : [...] Les activités d'éveil au langage doivent entre autres permettre à l'enfant d'éveiller sa conscience métalinguistique, de prendre conscience de l'arbitraire des langues et des cultures par la décentration et la distanciation. Les activités privilégiées sont le repérage par l'enfant des faits langagiers et communicatifs de tous types (animaux, bébés, gestuels, etc.) [...] Enfin, une place importante est accordée à la dimension affective, à la curiosité, au plaisir et à l'émotion.

De acordo com Bernard Mallet (6), a metodologia de ensino de uma língua estrangeira para crianças deve preocupar-se, antes de tudo, com os aspectos afetivos e com o papel que a LE desempenha na construção da identidade da criança.

É necessário, portanto, proporcionar à criança um ambiente lúdico ficcional, que compreenda aspectos emocionais dos pequenos aprendizes em aula de FLE para crianças, para que os aspectos afetivos estejam também envolvidos nesse processo cognitivo de aprendizagem dessa língua estrangeira, em um contexto exolíngue.

Convém então criar um modelo que se apresentará “sob a forma de um espaço ficcional de comunicação e de representação destinado a sanar a ausência de um espaço real”. Esse “espaço ficcional” terá por característica essencial ser lúdico, ou seja, de ser uma atividade “na qual uma situação convencional (lúdica, mas, presente) incluindo a validade e as modalidades”. O jogo, em efeito, é “propiciar investimentos imaginários do real”. Ao mesmo tempo se determina uma relação, desejando que a criança crie uma estrutura emocional indispensável ao bom desenvolvimento da atividade. (6).³

O investimento em recursos que estimulem tais habilidades é importante, pois tal fato contribui de maneira direta para com a economia de um país no que concerne à educação pública, considerando-se que o desenvolvimento da capacidade comunicativa torna-se uma ferramenta de suporte ao pensamento que conduz à subjetividade.

O indivíduo encontrará certamente, ao crescer, menos dificuldades para estabelecer sua compreensão quando estiver estudando temas de uma maior complexidade, e isto diminuirá significativamente a evasão escolar e o número de repetências nas redes de educação de uma nação.

Sendo assim, o aprendizado fará com que o sujeito adquira de modo ainda mais favorável o idioma em questão, uma vez que o estímulo desse processo tenha se dado

³ Tradução nossa. Citação fonte: “Il convient donc de créer un modèle qui se présentera « sous forme d'un espace fictionnel de communication et de représentation destiné à palier l'absence d'un espace réel » C'est « espace fictionnel » aura pour caractéristique essentielle d'être ludique, c'est-à-dire d'Être une activité « dans laquelle une situation conventionnelle, (ludique mais présente) dont la validité et les modalités ». Le jeu en effet est « propicie à toutes sortes d'investissement imaginaires du réel. Par la même il détermine un rapport désirant de l'enfant qui crée une structure d'émotion indispensable au bon déroulement de l'activité.

durante a etapa infantil, auxiliando, inclusive no aperfeiçoamento da pronúncia das palavras do léxico estrangeiro que o indivíduo passará a proferir.

Estudos comprovam que a fase da primeira infância é propícia para o ensino de uma língua estrangeira, justamente pelo fato do filtro audiofonético da língua materna ainda não ter obtido por completo suas capacidades auditivas, o que contribui de maneira significativa para que o aprendente adquira uma boa pronúncia e uma boa compreensão referente às palavras do idioma estrangeiro que está aprendendo.

O ensino precoce das línguas vivas constitui-se na maleabilidade intelectual e audiofonética da criança, que, nos seus primeiros anos (até os seis ou sete anos mais ou menos) está mais apta à adquirir uma boa compreensão e uma boa pronúncia em língua estrangeira, porque o seu cérebro está ainda em crescimento e que, segundo Troubetskoy, o “filtro fonético” da língua materna não obteve ainda totalmente as capacidades auditivas. (10).⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que investir na formação do sujeito infantil de modo que suas habilidades sejam desenvolvidas e, em especial, as habilidades cognitivas que envolvem o desenvolvimento da linguagem e de suas descobertas, seja uma maneira de preparar bons profissionais para um futuro bem próximo, de modo que possam encontrar espaço no mercado profissional que está cada vez mais exigente.

Assim, o sujeito infantil irá adquirir uma opção a mais de língua estrangeira, do que a que é oferecida pela maioria das escolas, ampliando assim as áreas de atuação profissional que o adulto em potencial venha a ter, a partir da aquisição do FLE. Desse modo estará apto às exigências do mercado profissional que dá prioridade à escolha de profissionais plurilíngues para estabelecer a abertura da comunicação com o mercado internacional, nas diversas áreas de trabalho.

Destacamos, pois, a importância de se estimular o plurilinguismo, para que o indivíduo tenha a capacidade de empregar variedades linguísticas no momento em que

⁴ Tradução nossa. Texto fonte : « L'enseignement precoce des langues vivantes table sur la malléabilité intellectuelle et audiophonétique de l'enfant, qui, dans ses premières années (jusqu'à six ou sept ans environ) est plus apte à acquérir une bonne compréhension et une bonne prononciation en langue étrangère parce que son cerveau est encore en cours de croissance et que, selon Troubetskoy, le « filtre phonétique » de la langue maternelle n'oblitére pas encore totalement les capacités auditives. »

for solicitado a fazê-lo de acordo com suas necessidades profissionais. Desse modo, o despertar para a linguagem faz com que a criança esteja mais predisposta ao aprendizado com línguas diferentes da vernácula.

O aprendizado de uma língua estrangeira não se restringe apenas à aquisição de um novo idioma, mas é também o contato com outra cultura. E essa aproximação favorece o retorno do pensamento do indivíduo sobre si mesmo, provocando uma reflexão sobre a sua própria cultura. É como se o contato com outra língua permitisse que lançássemos nossos olhares sobre o “estrangeiro que nos habita” (16), pois o aprendizado de uma língua estrangeira perpassa os ditames da aquisição de uma gramática, chegando a ser uma verdadeira imersão em outra cultura e de modo simultâneo, o sujeito é, pois, conduzido a ter uma autopercepção da sua própria cultura.

Nessa perspectiva, enxergamos o aprendizado do FLE como uma experiência que propicia diversos benefícios para uma criança, que, de acordo com as nossas pesquisas, de fato, está mais predisposta a aprender um idioma estrangeiro, do que adultos, pois, além de ter um filtro audiofonético flexível, ela possui uma rede de conexões neuronais ativas apenas na fase da primeira infância, o que a torna apta a desenvolver diversas habilidades cognitivas, dentre elas, o aprendizado de uma língua estrangeira, ao mesmo momento em que vai realizando, em paralelo, as descobertas da linguagem de sua língua materna.

Temos, pois, que as crianças estão mais propensas a aprender uma língua estrangeira, por possuírem um competente sistema neuronal que favoriza esse aprendizado até a fase da primeira infância. E esse processo se dá mediante diversos fatores, tais como, estímulos ambientais a partir de trocas comunicativas: adulto-criança, fatores emocionais e afetivos; e a parte biológica da questão, que é um eficiente sistema neuronal que viabiliza todo esse processo de aprendizado do FLE, fazendo com que a criança aprenda tão facilmente a língua, mesmo que em contexto exolíngua.

A fase da aquisição de um idioma estrangeiro na vida de uma criança é um fantástico fenômeno biológico (neuronal) e por essa razão, é muito importante realizar estudos que investiguem minuciosamente esses processos; por isso, a relevância da realização dessa pesquisa e de cada dado coletado e analisado, à luz das nossas pesquisas bibliográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. REYES, Y. A Casa Imaginária: Leitura e literatura na primeira infância. 1ª. Ed. – São Paulo: Global, 2010.
2. BJORKLUND, DF. Children's thinking: Developmental function and individual differences. In: SHAFFER, David R. Psicologia do desenvolvimento: a infância e adolescência. Trad. Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009, p 217-257.
3. PIAGET, J. The psychogenesis of knowledge and its epistemological significance. In: PIATELLI-PALMARINI, M, org. Language and learning; the debate between Jean Piaget & Noam Chomsky. Cambridge, Mass., Havard University Press, 1980.
4. PIAGET, J. La représentation du monde chez l'enfant. Paris: F. Alcan. 2005.
5. SHAFFER, DR. Desenvolvimento cognitivo: a teoria de Piaget e a visão sociocultural de Vygotsky. In: Psicologia do desenvolvimento: a infância e adolescência. Trad. Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009, p 217-257.
6. MALLET, B. Module de français précoce. In CUQ, Jean-Pierre et GRUCA, Isabelle. Cours de didactique du français langue étrangère et seconde, Presses universitaires de Grenoble : PUG, 2002.
7. GELMAN, R; BAILLARGEON, R. A review of some Piagetian concepts. In: J. H. Flavell and E. Markman (Eds.), Cognitive Development: Vol. 3. (Handbook of child development). New York: Wiley. 1983. p. 167-230.
8. ROGOFF, B. Cognition as a collaborative process. In: CUQ, Jean-Pierre et GRUCA, Isabelle. Cours de didactique du français langue étrangère et seconde. Presses universitaires de Grenoble: PUG, 2008.
9. VYGOTSKY, LS. Pensamiento y lenguaje. Buenos Aires: Ediciones Fausto, 1995.
10. CUQ, JP; GRUCA, I. Cours de didactique du français langue étrangère et seconde, Presses universitaires de Grenoble : PUG, 2008.
11. GUYTON, AC. O córtex cerebral e as funções intelectuais do cérebro. In: Tratado de fisiologia médica. Trad. Alcymmer Kraemer. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1973, p 685-689.
12. GINET, A. (dir.), Du laboratoire de langues à la salle de cours multimédias. In : CUQ, Jean-Pierre et GRUCA, Isabelle. Cours de didactique du français langue étrangère et seconde, PUG, 2002.
13. GUMPERZ, JJ., Discourses stratégies, Cambridge University Press, 1982.
14. GAONAC'H, D. Théories d'apprentissage et acquisition d'une langue étrangère. Hatier-Didier: Paris, 1997.
15. VYGOTSKY, LS. Mind in society. Cambridge, Mass. Havard University Press, 1978.
16. CORACINI, MJ. Identidade e discurso. Campinas: Chapecó Argos-Editora Universitária, 2003.

Recebido: janeiro/2014

Aceito: abril/2014